

A Génese do Tempo e da Memória do Antigo Egipto: Contributos do Papiro Westcar e da Lista Real de Seti I em Abidos

André Patrício (PhD. Fellow em História Antiga, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

andreahagpatricio@gmail.com

Investigação de Doutoramento em História Antiga pela Universidade Nova de Lisboa

Orientadores: Professora Doutora Maria Helena Trindade Lopes, Departamento de História da Universidade NOVA de Lisboa; Doutor Ronaldo G. Gurgel Pereira, CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

Resumo: *Pretende-se estudar noções de “Tempo Mítico” e “Tempo Real”, “Tempo Linear” e “Tempo Cíclico”. Ao mesmo Tempo, será possível estudar conceitos como “Manipulação de Memória”, “Memória Colectiva” e “Memória Individual” aplicados à civilização do Antigo Egipto.*

Palavras-chave: Arqueologia, Tempo, Memória

Introdução

Muito do que hoje é entendido sobre a mentalidade dos antigos habitantes do Vale do Nilo é o resultado de um complexo trabalho baseado essencialmente em inferências feitas de elementos iconográficos, literários ou meramente textuais. Estas fontes retratam o carácter existencial do antigo Egípcio, de uma forma lata, e porque não dizer as suas filosofias de vida. Tornam-se elementos que proporcionam uma visão do que era ser Egípcio e viver num estado governado por um deus que retornava ao Egipto em sucessivas encarnações, que tendiam para o infinito.

Olhando para além do religioso e do mágico, encontra-se o aspecto humano dos habitantes desta extraordinária Civilização. Revelam-se as mentes que usavam de estratégias complexas para manter uma história com pretensões eternas, não se inibindo de para isso ir alterando a percepção do presente para manter faraós sem descendência real, ou sem direito divino, no Trono de Hórus. Começa-se cedo na investigação a notar uma intervenção na mentalidade colectiva. Se a intenção era recriar a história, esquemas mentais forneciam a chave para criar as ferramentas de manipulação. Vemos este

exercício amiúde. Quando se pensa num exemplo, ocorre de imediato o esforço de Hatshepsut para garantir a sua legitimidade.

Torna-se então claro que um trabalho focado nos elementos primordiais que formam a mentalidade egípcia seria um interessante objecto de estudo. As linhas de exploração poderiam ser variadas, mas, relativamente ao período histórico do Império Novo, detecta-se uma ausência de estudo de elementos relacionados com características humanas elementares, como a capacidade de recordar. Esta simples ideia gera de imediato perguntas em ritmo acelerado. Como poderiam estratégias propagandísticas funcionar e alterar a percepção da realidade? Como é possível alterar sequer a percepção da realidade de toda uma Civilização? Como conseguia tal feito tomar lugar de forma suficientemente rápida para ser eficaz? Aqui entra um dos mais curiosos elementos que os antigos Egípcios tão bem pareciam controlar, a Memória nas suas mais diversas manifestações: individual, colectiva, cultural. Posta a Memória como tema central, sabe-se que dela é indissociável o Tempo. É necessário entender a forma como no Antigo Egipto era vivida esta dimensão. Conhecem-se os dois Tempos Egípcios, o cíclico e o linear, tão frequentemente

alterados, descontinuados e rescritos. Será assim que se compreende que o estudo a efectuar terá de incluir também esta dimensão física. Entende-se que a extraordinária capacidade de ver o Universo de uma forma tão singular e de se deixar influenciar pelo mesmo, sem dar lugar ao aparecimento de incoerências vivenciais, é extremamente egípcia.

Em busca de elementos que ajudem na compreensão do Tempo e da Memória do Antigo Egipto, de como estes constructos tomavam forma na mentalidade do povo nilótico, encontram-se exactamente aquelas refinadas ferramentas que alteravam a realidade, o passado, o presente e até o futuro: a literatura e as inscrições em estruturas monumentais.

Esta Tese foca-se, para melhor compreender tão importantes aspectos da mentalidade egípcia, em dois exemplos preciosíssimos, um literário – o Papiro Westcar -, e um escolhido especialmente por caracterizar o Tempo Absoluto egípcio na perfeição – a Lista Real de Seti I. Tomando a posição central na questão do Tempo Cíclico - compreenda-se este conceito como um paralelo feito com o Tempo não Absoluto - o Papiro Westcar será analisado numa tentativa de chegar aos contextos camuflados pelo cariz

impressionante dos seus contos fantásticos.

A Memória, o Tempo, o Papiro Westcar e a Lista Real de Seti I serão, portanto, o *corpus* de estudo que aqui se apresentará numa incursão pela temática da mentalidade e costumes do Antigo Egito, um tema que beneficiará enormemente de uma abordagem integrativa, onde diversas outras ciências ajudarão a desvendar novas informações que se ambiciona permitam um maior enriquecimento do estado actual do conhecimento.

Apresentação da Relação dos Pontos Centrais da Tese

Um dos primeiros aspectos de partida desta Tese passa pela análise exaustiva do Papiro Westcar e de uma questão tão simples quanto: “e se o que este papiro descreve, acima de tudo como o descreve, teria outra intenção?”. O seu conteúdo é extremamente rico e pode dar lugar a diversas interpretações de qual o significado dos seus contos fantásticos - o mesmo já é defendido pelas análises de Derchain¹, Bertrand², entre tantos outros. De igual modo, este papiro permite também o entendimento do fenómeno de Tempo Cíclico, algo também visto no mundo egípcio nos seus

calendários lunares, solares, anuais, muito como o que sucede na nossa própria existência. Portanto esta obra literária já fornece mais do que seria inicialmente esperado de um conjunto de contos de entretenimento.

Entretanto, há uma consciência de que, passando todas as análises de conteúdo, existe um padrão que permite estabelecer uma ligação com uma ferramenta de legitimação fundamental no Império Novo – as Listas Reais. Pois em todo o Papiro Westcar, a cronologia está presente e é central. Kadish³ estabelece uma ligação entre o Papiro Westcar e o Tempo.

Do Tempo, é indissociável a Memória.

Os quatro pilares que suportarão esta Tese surgem naturalmente interligados, apesar de nunca terem sido analisados em conjunto.

O Papiro Westcar e a Lista Real de Seti I⁴, a escolhida por ser a mais compreensiva e, de acordo com os conhecimentos actuais, a mais precisa, estabelecem ainda uma articulação muito natural com estes dois grandes conceitos, Tempo e Memória, respectivamente.

¹ DERCHAIN, (1986: 15-21).

² BERTRAND, (2015).

³ KADISH, (2001: 405-409).

⁴ BRAND, (2000).

Analise-se brevemente esta questão.

Em todas as realidades Humanas, o Tempo apresenta uma rigidez linear, o chamado Tempo de Newton¹. É o mais simples, o mais intuitivo. Existe, contudo, um outro “tipo” de Tempo, similar na sua essência, mas onde se pode colocar a hipótese de maleabilidade por oposição à rigidez absoluta do seu similar. Apesar da sua orientação única, o Tempo Relativo que ecoará na exposição matemática de Einstein², Hartle³, Wald⁴ ou de Hawking⁵ será vital. Esta nova visão de Tempo permite uma análise e maior compreensão do que era aquilo a que os Egípcios se referiam como nHH e Dt , ou “Real e mitológico”, onde trabalhos de Dunand⁶, Hornung⁷, Pomian⁸, Nowotny⁹ são imprescindíveis e ainda urge a integração da compreensão dos conceitos de Tempo de identidade e Tempo Imaginário de Castoriadis¹⁰, onde é estabelecida uma interessante ponte com o subtema do Tempo como dimensão do social. O Tempo está inevitavelmente ligado à Memória, aliás, como Ricoeur¹¹ tão brilhantemente o discute. Também a este tão largo conceito estão interligados o

Papiro Westcar e a Lista Real de Seti I, se usarmos as mesmas ferramentas para os analisarmos e procurar para o que poderão realmente ter servido, para além da sua função como elemento literário e elemento informativo histórico, respectivamente.

Antes deste passo, vejamos os tipos de Memória mais comuns e que se propõe poderem ser alterados com o recurso a ferramentas adequadas.

Todorov¹² estuda a Memória do ponto de vista filosófico, uma forma fundamental de estudo, que neste caso permite compreender a facilidade com que pode ser executada a manipulação da Memória - os seus conteúdos e os seus constructos. Assmann fala longamente no aspecto da Memória cultural, dos seus símbolos e elementos escolhidos para futuramente serem recordados¹³. Nesta categoria encaixam na perfeição o Papiro Westcar e uma Lista Real.

Assmann¹⁴ trabalha ainda um outro tipo de Memória central na civilização egípcia, o da Memória colectiva que nada mais é do que, muito simplifadamente, uma unificação da Memória cultural e das diversas

¹ NEWTON, (2010).

² EINSTEIN, (2014).

³ HARTLE, (2003).

⁴ WALD, (1984).

⁵ HAWKING, (2001).

⁶ ZIVIE-COCHE, DUNAND, (2004).

⁷ HORNUNG, (1992).

⁸ POMIAN, (1984).

⁹ NOWOTNY, (1993).

¹⁰ CASTORIADIS, (1975: 209-215).

¹¹ RICOEUR, (2000).

¹² TODOROV, (2000).

¹³ ASSMANN, (2011: 37).

¹⁴ ASSMANN, (2006: 210-224).

vertentes da Memória individual. Porque o que torna toda a questão da Memória num aspecto de elevado interesse é que, tal como o Tempo, é fluída, maleável, adaptável e modificável. A compreensão de Schatcer¹ e da Memória individual é, talvez, uma das peças finais mais valiosas na forma como esta Tese se está a construir. Há o puramente biológico, o puramente psicológico e depois o essencialmente cultural.

E é neste ponto que os antigos Egípcios foram mestres. Compreenderam aspectos fundamentais da psique humana e a forma como os mesmos interagem entre si, tarefa que a nossa civilização apenas há pouco mais de um século começa a analisar recorrendo a ciências como a física ou a psicologia clínica e experimental. Loftus fornece importantes pistas sobre a maleabilidade da Memória humana focando os seus estudos no “efeito da desinformação” e ainda na “criação de falsas Memórias”². Ambos são aspectos da Memória individual, cultural e colectiva.

Os antigos Egípcios usavam técnicas de manipulação de Memória extremamente familiares a estas há pelo menos quatro milénios atrás.

Tudo isto é mais do que coincidência, é a compreensão de um

povo, dos seus constructos mais elementares, mas mais dificilmente visíveis, pois são universais. Saber manipular tais elementos é um feito genial. Esta Tese pretende analisar como tudo poderá ter eventualmente sido feito.

Conclusões

Esta Tese pretende ser pluridisciplinar na sua essência. Entende-se que apenas assim se poderá fornecer uma nova visão para a compreensão de dois aspectos centrais na mentalidade dos Egípcios que habitaram a *Kemet*: por um lado, a sua perspectiva e vivência da dimensão Temporal, por outro, a Memória e de como esta foi gradualmente reestruturada, muitas vezes dentro de uma só geração, alterando aspectos fundamentais ligados à Memória individual para criar uma nova Memória cultural e, eventualmente, colectiva. O *corpus* deste estudo será assim formado pela análise crítica da bibliografia existente, das referidas fontes iconográficas e das fontes literárias. A título de exemplo da necessidade de uma visão crítica, desafia-se o leitor a olhar para a linha da Lista de Seti I onde estão enumerados os faraós da dinastia XVIII. Encontra-se uma linhagem historicamente correcta entre Ahmose e Tuthmose II, seguindo

¹ SCHATCER, (1997).

² LOFTUS, HOFFMAN, (1989: 100–104).

para Tuthmose III até Amenhotep III... depois Horemheb. Nesta leitura, Hatshepsut, Amenhotep IV, Smenkare, Tuntankhamon e Ay foram simplesmente excluídos. É um exercício simples que ilustra perfeitamente a relatividade da história, um reflexo da Memória Cultural, da Memória Colectiva, de quem a relata e de todo um conjunto das intenções a qualquer relato associado. Enquanto que, por um lado, o Tempo e a Memória são conceitos trabalhados sem qualquer outro tipo de fontes que não bibliográficas, o mesmo não se passa com as Listas Reais ou o Papiro Westcar. A iconografia da Lista Real de Seti I forneceu um interessante mapa relativamente ao Templo Linear, assim como a análise do Papiro Westcar forneceu uma clara distinção entre o Tempo Mítico e o Tempo Real, quando contraposto ao Tempo Linear, Newtoniano.

Os resultados parecem, para já, prometer uma interessante nova visão do Tempo e da Memória e do que poderá formar o centro da mentalidade egípcia relativamente a estes conceitos, com base nos seus constructos mais fundamentais.

Referências bibliográficas

ASSMANN, J. “Memory, Individual and Colective”. In GOODIN, R. E., TILLY, C. (eds). *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2006. 210-224.

ASSMANN, J. *Cultural Memory and Early Civilization. Writing, Remembrance, and Political Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BERTRAND, R. *Les histoires merveilleuses du papyrus Westcar*. Paris: L'Empire de l'Ame, 2015.

BRAND, P. J. *The Monuments of Seti I: Epigraphic, Historical and Art Historical Analysis*. Leiden: Brill, 2000.

CASTORIADIS, C. “Temps identitaire et temps imaginaire: L’institution sociale du Temps”. In CASTORIADIS, C., *L’institution imaginaire de la Société*. Paris: Seuil, 1975. 209-215.

DERCHAIN, P. “Deux notules à propos du Papyrus Westcar”. In *Göttinger Miszellen*, 89, 1986. 15-21.

EINSTEIN, A. *The Meaning of Relativity*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

HARTLE, J. *Gravity: An introduction to Einstein’s General Relativity*. Boston: Addison-Wesley, 2003.

HAWKING, S. *The Universe in a Nutshell*. New York: Bantam, 2001.

HORNUNG, E. *Idea into Image: Essays on Ancient Egyptian Thought*. New York: Timken, 1992.

KADISH, G. "Time". In REDFORD, D. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2001. 405-409.

LOFTUS, E., HOFFMAN, H. G. "Misinformation and memory: The creation of new memories". In *Journal of Experimental Psychology*, 188 (1). 1989. 100–104.

NEWTON, Sir I. *The Principia: Mathematical Principles of Natural Philosophy*. Texas: Snowball Publishing, 2010.

NOWOTNY, H. *Eigenzeit: Entstehung und Strukturierung eines Zeitgefühls*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1993.

POMIAN, K. *L'Ordre du Temps*. Paris: Gallimard, 1984.

RICOEUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Editions du Seuil, 2000.

SCHATCER, D. *Searching for Memory: The Brain, The Mind, And The Past*. New York: Basic Books, 1997.

TODOROV, T. *Mémoire du mal, tentation du bien*. Paris: Robert Laffont, 2000.

WALD, R. M. *General Relativity*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

ZIVIE-COCHE, C., DUNAND, F. *Gods and Men in Egypt. 3000 BCE to 395 CE*. New York: Cornell University Press, 2004.

